

CARTAS PARA AS MAIS VELHAS: LUGAR E VOZ COLETIVA NA ESCRITA PATAXÓ

LETTERS TO THE ELDER WOMEN: PLACE AND COLLECTIVE VOICE IN PATAXÓ WRITING

Randra Kevelyn Barbosa Barros (UESC)

rkbbarros@uesc.br

<https://orcid.org/0000-0003-3881-1063>

RESUMO: *As produções de autoria indígena elaboradas por mulheres na Bahia ainda precisam ser mais estudadas pela crítica literária. Diante disso, para contribuir com essa urgente tarefa, o objetivo deste trabalho é analisar algumas cartas que integram o livro Tecendo histórias do meu lugar (2022), de Ane Kethleen Pataxó, ilustrado por Zig Pataxó. O livro reúne diversas formas textuais, tais como cartas, biografias, narrativas e cantos da tradição oral. Neste estudo, busca-se investigar duas cartas produzidas pela jovem escritora, com destino à sua bisavó Luciana Zabelê (anciã que lutou em defesa do território e pelo direito de uma educação escolar intercultural dentro da comunidade) e à sua mãe Márcia Neves (inspiração para Ane buscar o acesso ao ensino superior). A dimensão analítico-crítica do estudo demanda o percurso metodológico ancorado na pesquisa bibliográfica, recorrendo principalmente à produção intelectual indígena (Graúna, 2013; Pesca, 2020; Potiguara, 2018; entre outras). Assim, este trabalho revela que a produção da autora Pataxó reúne várias gerações femininas e textualidades para fortalecer o afeto entre elas e a voz coletiva, o que contribui para a resistência das comunidades indígenas na Bahia.*

PALAVRAS-CHAVE: *escritas indígenas; literatura Pataxó; Ane Kethleen Pataxó; Tecendo histórias do meu lugar; cartas.*

ABSTRACT: *Indigenous works authored by women in Bahia still need to be further studied by literary critics. In light of this, in order to contribute to this urgent task, the aim of this paper is to analyze some letters from the book Tecendo histórias do meu lugar (2022), by Ane Kethleen Pataxó, illustrated by Zig Pataxó. The book brings together various textual forms, such as letters, biographies, narratives, and songs from oral tradition. This study seeks to investigate two letters written by the young author, addressed to her great-grandmother Luciana Zabelê (an elder who fought for the defense of the territory and the right to intercultural schooling within the community) and to her mother Márcia Neves (who inspired Ane to pursue higher education). The analytical-critical dimension of the study follows a methodological approach grounded in bibliographic research, primarily relying on indigenous intellectual production*

Organon, Porto Alegre, v. 40, n. 79, set 2024/mar. 2025.

DOI: 10.22456/2238-8915.144806

(Graúna, 2013; Pesca, 2020; Potiguara, 2018; among others). Thus, this paper reveals that the work of the Pataxó author brings together several generations of women and textualities to strengthen the affection among them and the collective voice, contributing to the resistance of indigenous communities in Bahia.

KEYWORDS: indigenous writings; pataxó literature; Ane Kethleen Pataxó; Weaving Stories of My Place; letters.

[...]
Manter a memória de minhas ancestrais viva
É não deixar morrer toda uma história
É lembrar que elas, estridentemente, estiveram aqui
É não deixar morrer toda sabedoria, força e conexão
Manter a memória de minhas ancestrais viva é um ato de resistência.
Itayná Ranny Tuxá, *Força da memória*

1 Escritas indígenas contemporâneas: perspectivas territoriais

Em “Força da Memória”, a escritora Itayná Ranny Tuxá (2021) mostra que luta contra o esquecimento ao manter presente, dentro de si, as vozes de suas mais velhas. Os atos de lembrar e escrever se combinam para que diferentes histórias possam ser contadas. O trabalho da autora pode ser considerado integrante da “escrita-resistência” indígena contemporânea, como propõe a estudiosa pataxó Adriana Pesca (2020).

Para Pesca (2020), as autorias indígenas por vezes são um instrumento de reivindicação dos povos originários, reverberando perspectivas historicamente silenciadas. É necessário “[...] pensar uma escrita-resistência a partir de produções indígenas que sejam concebidas a partir de novos sentidos, fazendo-se existir e legitimando-se num rito coletivo de vozes” (Pesca, 2020, p. 571). Há, portanto, a construção de um agenciamento coletivo a partir do fazer literário. Assim, fomenta-se, como explica Adriana Pesca (2020, p. 572), “[...] um novo espaço de inscrição de culturas, de grupos étnicos, de narrativas e de histórias, em que não se permite evocar apenas uma voz, mas uma multiplicidade, que irá contrariar a ordem dominante ainda vigente [...]”. Com produções poéticas e narrativas, que hibridizam diferentes gêneros, essas textualidades reconfiguram o nosso olhar acerca das culturas dessas sociedades.

Cabe lembrar, no entanto, que há pessoas por trás do texto, e que a obra não se escreve sozinha. Refletir sobre a situação das escritoras e escritores, diferentes territórios onde vivem, obstáculos para publicação de textos, inserção no mercado editorial, entre outras questões, são

aspectos que não podem ser esquecidos. Até que ponto autoras e autores indígenas estão conseguindo as possibilidades de publicar e fazer circular seus textos? As literaturas desses povos que temos acesso refletem as pluralidades das diversas regiões do Brasil?

Graça Graúna (2013, p. 83-84) ressalta que as autorias indígenas se desdobram em atuações políticas, pois “[...] os autores e autoras (de diferentes etnias) são formadores de opinião; guardadores dos costumes, do conhecimento ancestral; atuantes, entre outros, na luta pela demarcação de territórios, [...] pelo direito de expor sua arte, [...] pelo direito de escrever o outro lado da história [...]”. Por meio da escrita, muitos direitos são reivindicados, tal como o de se expressar literariamente, mas também o de poder divulgar o seu trabalho por meio da publicação. A questão editorial precisa ser levada em consideração, visto que “[...] há uma semelhança entre escritores indígenas e não indígenas (considerados marginais) que bancam o próprio livro. Dessa forma, o escritor indígena é levado pelas circunstâncias a produzir uma literatura alternativa, independente [...]” (Graúna, 2013, p. 89). A maior parte das autoras e autores indígenas no Brasil encontram caminhos alternativos para divulgar sua produção.

Itayná Ranny Tuxá (2021), por exemplo, é uma poeta que usa os espaços virtuais (tal como o blog) para expor os seus textos. A autora ajuda a construir a cena das escritas indígenas na Bahia, pouco conhecidas no âmbito nacional e com oportunidades de publicação reduzidas. A partir do poema “Força da memória”, podemos nos questionar: onde está a memória e a história dos povos indígenas desse estado? Quais autoras e autores indígenas da Bahia conhecemos e lemos sua obra? Os estudos sobre escritas indígenas contemporâneas têm crescido significativamente no Brasil, mas por vezes desconsideramos as assimetrias regionais de um país tão grande e continental quanto o nosso.

Ely Macuxi (2018) já havia apontado esse problema de invisibilização de escritoras e escritores que por vezes não conseguem publicar seus escritos e fazer a própria literatura circular. O estudioso afirma:

Precisamos avançar e incluir escritores indígenas que estão fora do eixo sudeste e sul do país. Sem oportunidade para publicar e divulgar, muitos indígenas estão fora e não usufruem desses benefícios, que, em tese, deveriam ser para todos. As editoras poderiam ser menos seletivas e os autores indígenas mais articuladores e negociadores dos interesses dos indígenas que estão fora do eixo Rio-São Paulo (Macuxi, 2018, p. 70).

A reivindicação do autor expressa uma demanda fundamental para que as literaturas indígenas possam também ser conhecidas pelas heterogeneidades territoriais, de gênero, temática, entre outras. Para Ely Macuxi (2018), é necessário debater sobre a política literária,

refletindo acerca de fatores externos que influenciam na circulação dos livros e na possibilidade de obras de diferentes regiões do país chegarem até o público leitor.

Em um gesto de luta contra a invisibilização, Ademário Payayá – por meio da *Associação para Recursos Ambientais e Artísticos (ARUANÃ)* e com o apoio financeiro do Programa Aldir Blanc Bahia – promoveu a I Feira Literária dos Povos Indígenas da Bahia, a FLIPIB¹, em 2021. De forma virtual, tendo em vista que ainda enfrentávamos o isolamento social provocado pela pandemia, o evento reuniu autoras e autores desse estado, de outras regiões do país e de Abya Yala². Houve um amplo debate, com rodas de conversa, mesas redondas e fóruns fundamentais para semear diferentes reflexões em torno da resistência literária indígena.

Nesse evento, ao narrarem suas trajetórias literárias, o cacique Juvenal Payayá e Ademário Payayá mostraram que escrevem desde o final do século XX³. No entanto, apenas as suas produções mais recentes foram acolhidas por editoras de circulação ampla e conseguem alcançar mais pessoas. Publicações em coletâneas e em editoras alternativas têm sido caminhos adotados com frequência. Para além de escrever, essas pessoas se tornam agentes do próprio fazer literário e articulam uma cena para tornar visível sua produção.

Ane Kethleen Pataxó, cujo nome indígena é Waiã Pataxó, integra esse movimento. Filha da Aldeia Tibá, nasceu em Cumuruxatiba (Prado/extremo sul da Bahia), em 2000. É estudante, artista, escritora indígena e pesquisadora. Mudou-se para Salvador para cursar Fisioterapia na Universidade Federal da Bahia (UFBA), buscando retornar com frequência à sua comunidade. O seu primeiro livro, *Tecendo histórias do meu lugar* (2022), ilustrado por Zig Pataxó, foi publicado por meio do projeto de extensão “LIVRO-LUGAR: edição de narrativas de comunidades tradicionais”, da Universidade Federal da Bahia (UFBA), que incentiva estudantes indígenas e quilombolas a escreverem suas histórias. O papel da universidade pública como parceira nesses projetos é fundamental, contribuindo para estimular a cena das escritas indígenas na Bahia.

2 De cartas, vozes e afeto: Tecendo histórias do meu lugar, de Ane Kethleen Pataxó

¹ A FLIPIB ocorreu entre os dias 5 e 9 de abril de 2021.

² Para Ailton Krenak (2015, p. 327), “o povo Kuna, que vive no Panamá, chama esse continente que nós chamamos de continente americano de ‘Abya Yala’”. Essa expressão “evoca um território afetivo, talvez imaginário, de povos que viviam aqui nesse continente antes de iniciar as, digamos, ‘abordagens’ no continente por povos que vieram de outras paisagens” (Krenak, 2015, p. 327).

³ Informações apresentadas na mesa redonda “A literatura indígena como retomada!”.

Organon, Porto Alegre, v. 40, n. 79, set 2024/mar. 2025.

DOI: 10.22456/2238-8915.144806

A obra *Tecendo histórias do meu lugar* (2022), de Ane Ketleen Pataxó e ilustrada por Zig Pataxó, salvaguarda a memória dos anciões por meio do registro de várias textualidades: cantos e histórias orais vivos no corpo dos mais velhos; cartas que a autora escreveu para sua bisavó, avô, mãe, dentre outras pessoas importantes na sua trajetória; ilustrações com imagens de familiares da escritora, maracás, espaços do território; fotografias de crianças e jovens da comunidade no território Pataxó. Essa pluralidade de formas de escrita – que reúne o oral, com a palavra grafada e a imagem – mostra que uma das características das literaturas indígenas é não se enquadrar em classificações tradicionais literárias, sem divisão em gêneros delimitados, e ampliar as maneiras de dizer para além dos procedimentos convencionais:

É necessário deixar marcado que a aquisição da escrita alfabética não delimita o processo de escrita dos povos indígenas. Não podemos desconsiderar que os nossos povos já se utilizavam das técnicas de escrita de diferentes maneiras, desde as pinturas, trabalhos com tecelagem, cerâmica, grafismos, pintura corporal, formas de uma escrita impressa no corpo, na pele, nos artesanatos. Por isso, pensar escrita e literatura indígena impinge refletir também sobre todas as manifestações e expressões que estão carregadas de significado e que se convertem na linguagem e registro escrito. Uma literatura indígena concebe-se como tal porque atravessa linhas do imaginário e evoca novos sentires e novos sentidos a ela (Pesca, 2020, p. 568).

Para Adriana Pesca (2020), as técnicas milenares indígenas de escrever se inscrevem na materialidade dos livros publicados. Nesse sentido, é preciso ter uma atenção maior às significações que as linguagens sugerem na obra. A poesia e a narrativa se hibridizam e é necessário entender que essa estética reflete também a voz coletiva que enuncia no livro. O “[...] rito coletivo de vozes” (Pesca, 2020, p. 571) pode ser observado em *Tecendo histórias do meu lugar*, pois a voz da autora se mescla com os dizeres de outros familiares e pessoas mais velhas, com imagens do próprio território e moradores da comunidade. A voz coletiva se destaca no projeto estético e político da obra.

A autora afirma na primeira frase da obra: “Vejo meu lugar como um espaço de resistência” (Pataxó, 2022, p. 13). O vínculo afetivo com o território de seu povo é forte. No entanto, Ane Ketleen Pataxó (2022) escreve quando está fora da comunidade, em Salvador, para estudar na universidade. A saudade é inevitável, e as lembranças alimentam a jovem:

Tenho tantas lembranças boas do meu lugar que dão muita saudade. Saudade de chegar à casa dos meus bisavós, e pedir benção e ouvi-los contar histórias de sua infância e de sua juventude.
Sinto saudade da paz, do silêncio, de ouvir os pássaros cantarem, de ouvir os barulhos das árvores, de sentir o vento tão fresco bater em meu rosto.
Saudade de ir aprender a pescar com meu vô no mar, de ir pescar com minha vô.

Meu lugar me enche de orgulho. Cheio de pessoas que vivem na luta para que o povo indígena não se extinga, que a cultura não desapareça. No meu lugar aprendi a plantar milho, mandioca, aprendi cantos, danças, tudo graças aos ensinamentos dos meus bisavós que passaram seus conhecimentos para seus filhos (Pataxó, 2022, p. 13-14).

A escritora recorda especialmente do aprendizado com os mais velhos, do cuidado com a terra, dos processos de plantação, de cantos e narrativas ancestrais, rituais, atividades culturais de seu povo. Essas vivências se encontram presentes na memória da autora. No presente, ao morar na capital da Bahia (Salvador), precisa se adaptar a outro contexto: “A natureza é minha segunda casa e quando me deparo com essa ‘selva de pedra’ ao meu redor, a saudade vem à tona. A saudade de ouvir o canto dos pássaros, do balanço das árvores, do vento fresco, e da paz que é sem igual” (Pataxó, 2022, p. 19). A “selva de pedra” não é o “meu lugar”. Esse outro espaço tem um modo de viver diferente, que demanda pensar em estratégias de resistência para manter o seu corpo presente no âmbito acadêmico.

A produção de cartas para pessoas que fortalecem a luta da jovem é um caminho utilizado. No livro, dentre as cartas apresentadas, duas chamam a atenção por serem para duas mulheres fundamentais em sua trajetória: Zabelê (Luciana Maria Ferreira, sua bisavó; chamada por vezes de vó pela autora) e Márcia Neves (sua mãe). As suas correspondências revelam a angústia de estar vivendo em contexto urbano; e a inspiração que suas mais velhas são para não desistir do acesso ao ensino superior.

Zabelê, para além de ser bisavó de Ane Pataxó, foi uma liderança fundamental na comunidade. O seu nome significa “pássaro de canto forte” (Pataxó, 2022, p. 28). A anciã reivindicou a construção de uma escola na Aldeia Tibá para que as crianças e jovens tivessem acesso à educação escolar indígena intercultural e diferenciada, valorizando os saberes ancestrais ao mesmo tempo em que os conhecimentos ocidentais são trabalhados. Zabelê também acreditou que era crucial a revitalização do idioma pataxó, o patxohã, atuando para isso. Embora, quando a carta foi escrita, a anciã já tenha falecido, a bisneta faz questão de conversar com a liderança, tornando-a presente por meio da carta:

Salvador, 2019

Oi vó! Queria te dizer quanto a senhora faz falta aqui entre nós. Saudade de ouvir suas histórias, seus sonhos, de chegar na sua casa e pedir a bênção e ai de mim se não pedisse! Lembro-me até hoje do nome indígena que a senhora me deu: mulher rendeira! Que até hoje não sei ao certo o que significa; procurei aqui no google e o resultado da pesquisa disse que é aquela que faz tecidos de renda (de fios entrelaçados formando desenhos sobre um fundo de transparência) e, só para a senhora saber, é a primeira vez que procuro e penso sobre esse nome que me deste quando pequena, mas só agora estou começando a entender o real significado desse nome.

Essa mulher que tece fios, formando desenhos, sou eu agora. Estou tecendo a minha história a cada escolha que faço. A mulher rendeira também precisa de paciência para continuar a tecer, também precisa de coragem para fazer novos e diferentes desenhos, e eu me vejo nessa mulher, desde o dia em que decidi vir estudar, e ter coragem para enfrentar esse novo mundo tão preconceituoso e difícil de se viver. Aqui todos os dias eu preciso de força, paciência e coragem para enfrentar todas as dificuldades que aparecem (Pataxó, 2022, p. 21)

O lugar de onde a jovem escreve é relevante: Salvador. Longe da Aldeia Tibá, a escritora também relembra que o seu nome indígena (Waiã) foi atribuído pela bisavó e apresenta um significado: mulher rendeira. A ideia de ser uma “mulher que tece fios” começa a fazer sentido na vida de Ane Pataxó a partir da situação que vive no presente. Como estudante universitária, precisa enfrentar diferentes desafios para alcançar a formação que deseja: “[...] e eu me vejo nessa mulher, desde o dia em que decidi vir estudar, e ter coragem para enfrentar esse novo mundo tão preconceituoso e difícil de se viver. Aqui todos os dias eu preciso de força, paciência e coragem para enfrentar todas as dificuldades que aparecem” (Pataxó, 2022, p. 21). Ao lembrar o quanto o preconceito é cruel na capital, há algo que a consola: estar realizando o sonho de sua bisavó:

Os seus sonhos nem todos se realizaram, mas pelo menos o sonho de que seus netos e bisnetos tivessem o direito de estudar está acontecendo. E hoje eu estou na universidade, realizando um sonho, mesmo com todas as dificuldades, para um dia retornar e cuidar do meu povo. Contar para o mundo quem foi a senhora, pois tu és exemplo de luta e resistência (Pataxó, 2022, p. 22-23).

A voz de Ane deseja reverberar a história de Zabelê, a qual integra a luta de um povo e de um território coletivo. E ter acesso a uma formação na universidade é fundamental nesse processo, visto que assim conseguirá ampliar as possibilidades de ser escutada pelos não indígenas, tanto a sua história quanto a das suas ancestrais poderá ser conhecida por mais pessoas. Nesse sentido, a autora carrega a sua comunidade por onde caminha, visto que “[...] o índio e/ou a índia, onde quer que vá, leva dentro de si a aldeia” (Graúna, 2013, p. 59). Esse sentimento é compartilhado pela jovem escritora e expresso em alguns versos da poeta Eliane Potiguara (2018, p. 127), “[...] Minha aldeia é minha casa espiritual/Deixada pelos meus pais e avós/A maior herança indígena. [...] Minha aldeia é Meu Coração ardente/É a casa de meus antepassados”. No lugar em que se encontra, Ane continua cultivando a ligação com os seus antepassados, especialmente com Zabelê, e com todas as conquistas coletivas que anciã reivindicou para alcançar, assim como a jovem que está estudando na universidade integra essa luta.

Diante desta carta, podemos nos questionar: qual a relevância de Ane escrever para a sua bisavó que já faleceu? Em que medida esse gesto será importante em sua vida? Ao estudar o efeito das correspondências no remetente e no destinatário, Michel Foucault (1992, p. 140) acredita que “[...] a missiva, texto por definição destinado a outrem, dá também lugar a exercício pessoal”. Esse exercício permite não apenas falar de si e do outro, mas também tornar presente o destinatário da correspondência por meio das palavras que são direcionadas a esse receptor: “A carta faz o escritor ‘presente’ àquele a quem a dirige. E presente não apenas pelas informações que lhe dá acerca da sua vida, das suas atividades, dos seus sucessos e fracassos, das suas venturas ou infortúnios; presente de uma espécie de presença imediata e quase física” (Foucault, 1992, p. 141). No caso da carta para Zabelê, é a anciã que se faz presente para a jovem no momento que a missiva é elaborada, tornando-a viva no cotidiano da jovem.

Na carta para Márcia, sua mãe, há um duplo processo: a autora presentifica essa mulher, assim como é possível ter notícias na comunidade acerca de como a moça está lidando com os obstáculos encontrados na “selva de pedra”. Ane Pataxó (2022) agradece por sua mão incentivá-la a seguir em frente, a persistir nesse caminho de busca de acesso à educação formal universitária:

Salvador, 2019

[...]

Obrigada mãe, por ter tido dedicação, amor, carinho e paciência nas madrugadas em que eu só chorava. Por ter me ensinado a andar, a falar, a ler, a ter orgulho de quem eu sou, a educar-me, ensinar fazer as tarefas de casa pra quando eu fosse embora, e hoje estou aqui, sobrevivendo, graças a tudo que me ensinou.

Tem dias aqui que são insuportáveis, que dá muita vontade de voltar pro lugar mais seguro do mundo! Seu abraço, minha casa, minha família!

Dias que dão muita vontade de fugir desse lugar; cheio de maldade, desconfiança, cheio de prédios e sem paz.

Mas aí te mando uma mensagem dizendo que quero ir embora, que tá difícil. E a senhora me diz pra ser forte, que irei conseguir, porque em minhas veias correm sangue guerreiro e guerreiros não desistem nunca. *E saiba que suas palavras me dão força pra continuar, elas me acalentam nos dias difíceis.*

E mais uma vez peço forças a Deus, enxugo minhas lágrimas e digo pra mim mesma: força, coragem, você consegue! Tudo irá valer a pena! E é assim que consigo sobreviver a cada dia aqui (Pataxó, 2022, p. 84-85, grifos nossos).

A autora mostra as próprias vulnerabilidades na carta: pensa em retornar para a comunidade, o “meu lugar”, espaço de acolhimento. Na cidade onde vive tudo é diferente, pois o espaço é “[...] cheio de maldade, desconfiança, cheio de prédios e sem paz” (Pataxó, 2022, p. 84-85). É radicalmente diferente do contato com a natureza que vive na aldeia. Ailton Krenak (2017, p. 4) explica que o processo de urbanização por vezes busca extinguir a presença da vegetação para transformá-la em concreto: “Muito me incomoda que a nossa formação tão

plural [como nação] continue sendo tão unânime no sentido de que temos que acabar com as flores e com os povos das florestas para consolidar uma estrutura urbana, estável e civilizada”. Esse pensamento é muito comum e torna tudo o que é vivo em prédios, barulho, poluição. Assim, para quem vem de um espaço mais próximo das plantas, é difícil ter que se mudar para um lugar em que há uma predominância de construções arquitetônicas, sem a valorização da natureza e da importância do contato do ser humano com ela até mesmo para melhorar a qualidade de vida.

Ao falar da angústia de lidar com esse novo ambiente, a jovem escritora mostra as suas inseguranças e medos. Nesse sentido, a missiva desempenha um papel fundamental, visto que – como propõe Foucault (1992, p. 141) – “[e]screver é pois ‘mostrar-se, dar-se a ver, fazer aparecer o rosto próprio junto ao outro’”. É um processo de revelar-se ao outro, podendo expor-se plenamente:

[...] deve-se entender por tal que a carta é simultaneamente um olhar que se volta para o destinatário (por meio da missiva que recebe, ele sente-se olhado) e uma maneira de o remetente se oferecer ao seu olhar que de si mesmo lhe diz. De certo modo, a carta proporciona um face-a-face (Foucault, 1992, p. 141).

O face-a-face aproxima Ane de sua mãe. Ao enviar mensagens para Márcia pensando em desistir, Ane recebe mensagens de incentivo, fazendo-a lembrar da história de guerreiros que compõem o seu povo. A moça se sente renovada: “E saiba que suas palavras me dão força pra continuar, elas me acalentam nos dias difíceis” (Pataxó, 2022, p. 84-85). As palavras de sua mãe são de dizeres que a ajudam a sobreviver em um ambiente hostil. A jovem se sente mais viva e fortalecida ao escutar as palavras de Márcia.

Em *Tecendo histórias do meu lugar*, Ane Ketleen Pataxó (2022) apresenta ainda o relato de sua mãe acerca de sua trajetória de trabalho: já atuou como professora e conselheira de saúde. Márcia Neves afirma: “Enfim, decidi ser agente de saúde porque queria ajudar meu povo, pois precisamos ter alguém com um olhar diferente, alguém que pense diferente. Trabalho muito com minha comunidade para que ela seja independente e corra atrás de seus direitos para não ficar dependendo de outras pessoas” (Pataxó, 2022, p. 83). Portanto, Márcia também desempenha um papel relevante na comunidade, e – ao trazer o relato em primeira pessoa de sua mãe – Ane traz mais um discurso que se desdobra no seu e a enunciação se torna uma multiplicidade de vozes que se encontram e convergem para pensar nas vivências na aldeia.

Para Graça Graúna (2013, p. 59), embora seja comum esse processo de deslocamento vivenciado por pessoas indígenas, ainda assim a coletividade do pertencimento permanece, o

indivíduo não é sozinho: “[o]s que ficam sabem que vão junto, no sangue do parente⁴, na pele, na consciência, no cotidiano da história e da memória do parente que não deixa de ser e/ou reconhecer-se filho legítimo pelo amor à terra. Portanto, diferente do outro (o não índio)”. Ao mesmo tempo que Ane Pataxó carrega consigo Zabelê e Márcia Neves, sua mãe e outros familiares que estão na aldeia sabem que – mesmo de longe – estão acompanhando a jovem a conseguir realizar um sonho que é importante para toda a comunidade.

3 Considerações Finais

Dessa forma, é necessário um olhar mais cuidadoso da crítica literária em relação às produções indígenas elaboradas na Bahia. O “rito coletivo de vozes” discutido por Adriana Pesca (2020) está presente na obra *Tecendo histórias do meu lugar*, de Ane Kethleen Pataxó. A trajetória de mulheres como Zabelê e Márcia Neves se torna inspiração para as novas gerações, que, ao se deslocarem para a cidade, precisam ter cuidado com todos os obstáculos que aparecem nesses espaços. A prática de escrever se mostra um instrumento valioso para registrar essas dores, mais ainda para conversar com as mais velhas, relatar os problemas enfrentados ao tempo em que reforça que olhar para elas causa um espelhamento. Ane se vê nessas mulheres, as admira e acredita que deseja seguir os seus passos. A jovem estudará e também poderá contribuir com a saúde indígena na sua comunidade, ajudando para que as pessoas do território possam ter suas reivindicações vistas e atendidas.

As cartas se mostram uma estratégia de afeto, autocuidado, presentificação do espaço da aldeia. Ao lembrar das vivências, do ambiente em que viveu, Ane reconstitui essas melhoras e convoca o público leitor a também mergulhar nesses diálogos. A indígena se sente mais fortalecida ao escrever, porque as suas palavras expressam o seu sentimento e lhe ajudam a ver as trajetórias excepcionais de suas mais velhas. Se elas, com um milhão de dificuldades não desistiram, por que Ane Kethleen Pataxó desistiria? A conquista da formação na universidade é coletiva, fundamental para os seus familiares e demais pessoas da comunidade. É pela sua bisavó, pela sua mãe, pelos parentes e – mais ainda – por si mesma que a autora luta na área da Fisioterapia e que escreve. O gesto de escrever reaproxima a indígena de seu lugar – lhe mostra que o seu lugar está vivo dentro de si e sendo constantemente reconstituído em Salvador – e de suas mais velhas.

⁴ “Parente” é um termo frequentemente usado por pessoas indígenas para se referirem a outras pessoas que compartilham dessa mesma identidade.

Dessa forma, é fundamental lembrar que Literatura Pataxó faz coro com as literaturas Tuxá, Tumbalalá, Tupinambá, entre diversos povos originários da Bahia. As produções de integrantes dessas comunidades enriquecem a cena das literaturas indígenas brasileiras, provocando um entendimento ainda mais complexo das heterogeneidades que constituem essas obras e que não podem ser esquecidas.

Há muitas obras a serem conhecidas e mais estudadas. Cabe aos/às pesquisadores/as, o compromisso ético-político de se questionar: quais produções estamos lendo? Analisamos textos com diversidade regional e de gênero? Acessamos livros publicados em pequenas editoras? Elaboramos crítica literária em diálogo com esses textos? *Tecendo histórias do meu lugar*, de Ane Kethleen Pataxó, é um convite para revermos o nosso repertório de literaturas indígenas contemporâneas e considerar obras publicadas por editoras alternativas em diferentes regiões do país. Assim, as abordagens de estudos serão cada vez mais enriquecidas. As cartas para as mais velhas de Ane Pataxó são uma convocação para vermos além e enxergarmos as escritas indígenas contemporâneas (re)contando cada lugar de Pindorama⁵.

REFERÊNCIAS

- FOUCAULT, Michel. A escrita de si. In: *O que é um autor?* Lisboa: Passagens, 1992, p. 129-160.
- GRAÚNA, Graça. *Contrapontos da literatura indígena contemporânea no Brasil*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2013.
- GRAÚNA, Graça. *Flor da Mata*. Belo Horizonte: Penninha Edições, 2014. Ilustradora: Carmen Barbi.
- KRENAK, Ailton. Paisagens, territórios e pressão colonial. *Espaço Ameríndio*, Porto Alegre, v. 9, n. 3, p. 327- 343, jul./dez. 2015.
- KRENAK, Ailton. Ailton Krenak. *Entre*, 22 agosto 2017. Disponível em: <https://www.entre-entre.com/manager/uploads/interviews/ailton-krenak-i-566.pdf>. Acesso em: 1 set. 2022.
- PATAXÓ, Ane Kethleen. *Tecendo histórias do meu lugar*. Salvador/BA: EDTÓRA/Sociedade da Prensa, 2022 (Coleção livro-lugar).
- PESCA, Adriana. Escritas-resistência: autoria indígena. *Abatirá - Revista de Ciências Humanas e Linguagens*, Universidade do Estado da Bahia - UNEB - Campus XVIII, V1, n. 2, 2020. p. 557- 573. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/abatira/article/view/9666>. Acesso em: 10 dez. 2024.

⁵ Segundo Graça Graúna (2014, p. 46), “Pindorama, em tupi, significa ‘terra das palmeiras’”. *Organon*, Porto Alegre, v. 40, n. 79, set 2024/mar. 2025.

PORTAL ARUANÃ. 1ª FEIRA LITERÁRIA DOS POVOS INDÍGENAS DA BAHIA. Mesa redonda “A literatura indígena como retomada!”. *Portal Aruanã*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=zIXTI65jjV0>, abr. 2021. Acesso em: 12 dez. 2024.

POTIGUARA, Eliane. Eu não tenho minha aldeia. In: *Metade cara, metade máscara*. 3ª edição. Rio de Janeiro, Grumin, 2018, p. 127.

SOUZA, Ely. Literatura indígena e direitos autorais. In: DORRICO et al (Orgs.). *Literatura indígena brasileira contemporânea: criação, crítica e recepção*. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2018, p. 51-74.

TUXÁ, Itayná Ranny. Força da Memória. *Blog*, dez. 2021. Disponível em: <https://itayna-ranny-tuxa.webnode.page/1/este-e-um-blog-com-imagens/>. Acesso em: 10 dez. 2024.

Artigo submetido em: 20 dez. 2024

Aceito para publicação em: 30 jan. 2025

DOI: <https://dx.doi.org/10.22456/2238-8915.144806>